

CONFUSÕES DE LÍNGUAS ENTRE FREUD E FERENCZI: TRAUMA, SEDUÇÃO E AS CONTRIBUIÇÕES DE JEAN LAPLANCHE.

Juliana Baracat (*)

Jorge Luís Ferreira Abrão (**)

Viviana Carola Velasco Martínez (***)

RESUMO

Este artigo historiográfico tem como objetivo diferenciar a teoria da sedução de Freud e a teoria do trauma de Ferenczi, tendo em vista as frequentes confusões com que ambas são tratadas, e indicar a contribuição de Jean Laplanche em conciliar essas teorias em sua teoria da Sedução Generalizada. Apesar de apresentarem a violência sexual como denominador comum, as teorias de Freud e de Ferenczi abarcam funcionamentos psíquicos diferentes e demandas clínicas peculiares, o que justifica as experiências clínicas que Ferenczi elaborou. Como resultado, consideramos que a teoria freudiana versa sobre um modo neurótico de funcionamento psíquico, enquanto a teoria de Ferenczi contempla as modalidades limites tão frequentes na clínica contemporânea. Ao final, expõem-se as ideias de Jean Laplanche, que articula ambas teorias em sua Teoria da Sedução Generalizada.

Palavras-chave: Ferenczi; Freud; intromissão; sedução generalizada; trauma

ABSTRACT

This historiographical article has the objective to distinguish Freud's seduction theory from Ferenczi's trauma theory, considering the constant confusions with which both of them are treated, and indicate Jean Laplanche's contribution by reconciling them in his Theory of Generalized Seduction. Although they present sexual violence as a common denominator, Freud and Ferenczi's theories embrace different psychic functioning and peculiar clinical demands, which justifies the clinical experimentation that Ferenczi worked through. As a result, we consider that Freudian theory points to a neurotic way of psychic functioning, while Ferenczi's theory contemplates borderline ways so common in contemporary clinic. In the end, we will expose some ideas of Jean Laplanche, who articulates both theories in his Theory of Generalized Seduction.

Keywords: Ferenczi; Freud, intromission; general seduction; trauma

RESUMEN.

Este artículo historiográfico tiene como objetivo diferenciar la teoría de la seducción de Freud y la teoría del trauma de Ferenczi, teniendo en cuenta las frecuentes confusiones con que ambas son tratadas, e indicar la contribución de Jean Laplanche en conciliar estas teorías en su Teoría de la Seducción Generalizada. A pesar de presentar la violencia sexual como denominador común, las teorías de Freud y Ferenczi abarcan funcionamientos psíquicos diferentes y demandas clínicas peculiares, lo que justifica las experiencias clínicas que Ferenczi elaboró. Como resultado, consideramos que la teoría freudiana versa sobre un modo neurótico de funcionamiento psíquico, mientras que la teoría de Ferenczi contempla las modalidades límites tan frecuentes en la clínica contemporánea. Al final, se exponen las ideas de Jean Laplanche, que articula ambas teorías en su Teoría de la Seducción Generalizada.

Palabras clave: Ferenczi; Freud; intromisión; seducción generalizada; trauma.

INTRODUÇÃO

Atualmente, as ideias e inovações técnicas de Sándor Ferenczi são legitimamente reconhecidas no campo psicanalítico. Porém, tal situação nem sempre foi assim. Para seus estudiosos, é notória a forma como Ferenczi foi tratado postumamente. Para os que não o conhecem, isso se justifica pelo fato de que, ainda hoje, o autor é excluído dos currículos de cursos de graduação e pós-graduação em Psicanálise, o que prova que o movimento de rechaço e esquecimento aplicado a ele ainda perdura.

Apesar disso, o mencionado reconhecimento de Ferenczi faz parte de um movimento de *revival* de sua obra, iniciado a partir da década de 1980, quando da publicação de obras importantes, como sua correspondência com Freud (Ferenczi, 1995), seu *Diário Clínico* (Ferenczi, 1985) e suas *Obras Completas* (Ferenczi, 1991c, 2011h, 2011i, 2011j). Até então, para os conhecedores da história da psicanálise, o autor mantinha-se estigmatizado pelo retrato traçado por Ernest Jones (1979) em sua biografia de Freud: um louco desvairado que, entre várias ideias delirantes, trouxera à tona uma teoria que comportava as principais ideias da teoria da Sedução, abandonada por Freud nos primórdios da teoria psicanalítica.

Desta forma, este artigo trata de um recorte da tese *Da sedução traumática ao trauma da sedução: diálogos entre Sándor Ferenczi e Jean Laplanche* (Baracat, Abrão & Martínez, 2017) defendida na Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, campus Assis, cujo objetivo foi discutir as teorias do trauma dos autores mencionados e que acarretou uma revisão teórica e histórica dos conceitos vinculados ao complexo traumatogênico. Ao longo da pesquisa doutoral, tornou-se nítida uma confusão de línguas estabelecida entre Freud e Ferenczi a partir da década de 1920, cujos motivos apontam para fatores diversos, tais como: o jogo transferencial-contratransferencial no bojo da relação entre Freud e Ferenczi, as críticas direcionadas a Ferenczi por parte do grupo de psicanalistas pioneiros que se opuseram às suas experimentações técnicas e, por fim, o conflito direto com Freud por conta de sua conferência *Confusão de Línguas entre os adultos e a criança*, proferida no Congresso de Wiesbaden em 1932. Portanto, este artigo objetiva apontar os principais fundamentos da teoria da sedução de Freud e da teoria do trauma de Ferenczi a fim de mostrar como estas, ao contrário do que se pensava, versam sobre dois modos de funcionamento psíquico distintos e acarretam dimensões clínicas opostamente paralelas. Ademais, tais teorias mostram-se prova viva da pluralidade conceitual da Psicanálise e sua abrangência clínica em captar o sofrimento psíquico em suas formas mais singulares.

Por fim, discutimos como tais teorias, de Freud e de Ferenczi, se referem a funcionamentos psíquicos distintos através da apropriação epistemológica efetuada por Jean Laplanche em sua *Teoria da Sedução Generalizada*, sendo que observamos que a teoria freudiana se vincula ao modo neurótico de organização psíquica e a teoria ferencziana se relaciona ao que hoje chamamos de organizações *borderline*.

A TEORIA DA SEDUÇÃO FREUDIANA E O NASCIMENTO DA PSICANÁLISE

Numa breve retomada histórica, observamos que a Teoria da Sedução de Freud não pode ser desarticulada de uma teoria acerca do trauma, com a qual o autor inaugura a Psicanálise. Freud já demonstrava um forte interesse pelos fenômenos histéricos, mas é após entrar em contato com Charcot, psiquiatra que alçou a histeria ao estatuto de doença psíquica, que Freud se debruça sobre o problema da histeria e suas possibilidades terapêuticas, entre elas a hipnose (Gay, 2007).

A trajetória freudiana dos primórdios da Psicanálise já nos é bem conhecida: o relato de Breuer do caso Anna O., ainda nos anos 1880, instiga o interesse de Freud pela “cura pela palavra” vinculada ao tratamento hipnótico; seu estágio com Charcot aguça sua curiosidade sobre as possibilidades de tratamento da histeria; o retorno à França para fazer um curso de hipnotismo com Bernheim (Gay, 2007). Estes eventos marcam os trabalhos pré-psicanalíticos de Freud, ou, em outras palavras, são o próprio germe da nascente Psicanálise.

Numa breve cronologia, podemos destacar os principais achados de Freud e sua gradativa elaboração acerca das origens dos fenômenos histéricos e sua posterior generalização teórica. Assim, em *O mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos*, Freud (1893/1996i) parte do trauma físico para chegar a uma elaboração

do que seria o trauma psíquico: este deveria acometer o indivíduo num estado peculiar de consciência — sonolência ou transe — o qual afetaria uma parte do corpo e teria uma carga de sugestibilidade que levaria o sujeito a reviver a situação traumática a partir de alguma evocação externa do evento. Deixando de lado a diferenciação entre histeria traumática e histeria comum, o autor chega a uma generalização, alegando que toda histeria tem sua origem num trauma.

Não obstante, Freud (1893/1996i) ainda mantém uma breve diferença entre ambas as histerias, afirmando que, na histeria traumática, nota-se que “há um grande trauma em ação, ao passo que na segunda raramente há um único evento principal a ser assinalado, operando antes uma série de impressões afetivas — toda uma história de sofrimentos” (p. 40). A histeria traumática seria, então, consequência de uma violência externa, cujo evento desencadeador poderia ser facilmente determinado, como um acidente, por exemplo. Já o trauma associado à histeria comum teria um componente maior ao afetar o conjunto da organização psíquica. Aqui nota-se que o efeito traumático para Freud, no caso da histeria comum, estaria do lado da representação psíquica do fato vivido, e não do fato em si.

Ainda neste texto, Freud (1893/1996i) lança mão de algumas observações que, posteriormente, terão importância na elaboração de sua Teoria da Sedução: a possibilidade do paciente lembrar o evento, visualizando-o com “toda a sua realidade original” (p. 41); o papel da economia psíquica, isto é, o trauma sentido como um acúmulo de excitações; e a ab-reação através da fala. O autor ainda argumenta que o maior problema do trauma é a impossibilidade de o sujeito reagir a este, mantendo-se a lembrança do afeto gerado e não abreagido. Mas, até aqui, o trauma psíquico era tido como um evento real geral, indeterminado. Em sua *Comunicação preliminar* (Freud & Breuer, 1893/1996a), escrita anteriormente, mas publicada junto aos *Estudos sobre a histeria* (Freud & Breuer, 1895/1996b), que o autor expressaria sua famosa máxima: a histórica sofre de reminiscências, ou seja, novamente o acento traumático é colocado sobre a lembrança do fato ocorrido.

Contudo, será em *As neuropsicoses de defesa* (Freud, 1894/1996b) que o autor irá associar o evento traumático com uma vivência de cunho sexual. Aqui vislumbram-se as bases teóricas da Teoria da Sedução: a vivência constrangedora de uma situação sexual; a defesa erigida contra os afetos e lembranças geradas; a consequente descarga do afeto no corpo, como forma de enfraquecer a lembrança incômoda. Freud (1894/1996b) aponta para as diferentes defesas contra a lembrança do trauma, especificando o tipo de psicose engendrada a partir destas. Destaca que tanto a neurose histórica quanto a neurose obsessiva teriam como fonte o atentado à sexualidade da criança por parte de um adulto. Porém, na neurose obsessiva, haveria a inversão da posição do sujeito que, a princípio, foi a vítima passiva da sedução do outro, tornando-se, posteriormente, o algoz de outrem. A transformação da passividade em atividade colocaria em jogo o sadismo do obsessivo, reencontrado nas lembranças como objeto da culpa plasmada nos pensamentos invasivos. Assim, a histeria seria a lembrança desprazerosa da experiência de sedução, enquanto a neurose obsessiva comportaria o registro do prazer, agora sádico, sendo este conflitivo com a moral do sujeito.

Com *Estudos sobre a histeria*, a teoria se desenrola, não obstante Freud e Breuer (1895/1996b) não mencionarem o termo sedução. De fato, de suas quatro histórias clínicas relatadas, a única em que a sedução desempenha um papel determinante é em Katharina, cujos efeitos neuróticos remetem à tentativa de abuso sexual por parte do pai. As demais histórias versam sobre conflitos entre a sexualidade e a moral da paciente, a saber: Emmy e as acusações de que foi vítima sobre a morte de seu marido, Miss Lucy e seu amor “impossível” pelo patrão e Elizabeth e sua paixão pelo cunhado viúvo.

Porém, outro caso clínico teria forte influência nos bastidores da teoria da sedução, apesar de ter permanecido na surdina no palco da psicanálise: Emma Eckstein. Sua história pode ser rastreada na correspondência entre Freud e Fliess (1950/1996d), sendo notório o envolvimento de ambos no tratamento de Emma, o que inclui sua quase morte por hemorragia após o infeliz procedimento cirúrgico realizado por Fliess. Ademais, o caso Emma está mais relacionado com o sonho da “injeção de Irma”, no qual Freud buscou realizar o desejo de ver-se livre de sua responsabilidade pelo incidente (Mezan, 2014).

É precisamente através da análise de Emma que Freud se vê às voltas com o problema da realidade material ou não dos relatos de abuso sexual sofrido por suas históricas. De qualquer forma, este caso

possibilitou a Freud compreender o mecanismo atemporal que rege os processos inconscientes, já que observa que o atentado sexual sofrido por Emma numa fase precoce, o assédio sexual feito por um vendedor de loja, só adquire caráter traumático anos depois, através do sintoma aversivo ao entrar em lojas.¹ Assim, surge o conceito de ação retardada ou *a posteriori*, sua tradução mais conhecida.

Na correspondência de Freud a Fliess (1950/1996d), o autor relatou mais sobre sua Teoria da Sedução e sua relação com o trauma sexual factual. Aqui, o conceito do *a posteriori* se articula fortemente com a teoria. O evento traumático, neste período teórico, seria o abuso sexual realizado por um adulto perverso, em geral próximo da criança; entretanto, o efeito traumático viria posteriormente, quando o sujeito já teria experiências e idade suficientes para compreender o evento vivido. Seria na adolescência, momento em que a sexualidade sai da latência, que o aspecto traumatizante do abuso ocorrido ganharia seu caráter sofrido.

Porém, essas elaborações não estão livres de uma certa ambivalência de Freud em acreditar na realidade dos abusos. Para Appignanesi e Forrester (2011), o trabalho inicial de Freud com a teoria da sedução teria mobilizado nele forte angústia em relação às características sexuais que suas elaborações envolviam, especialmente a ideia de incesto. Os autores consideram, ainda, que a teoria da sedução impedia Freud de captar o movimento desejante impresso na fala de suas pacientes, já que, na teoria da sedução, o desejo (sexual) se liga ao lado parental, enquanto, na teoria subsequente, do Édipo, o desejo se encontra do lado da criança.

De qualquer forma, a ambivalência de Freud se liga justamente ao dilema: são memórias ou fantasias aquilo que ele escuta? Poderia ser uma mescla de ambas? Afinal, como eventos ligados à sexualidade seriam plasmados no psiquismo de suas históricas?

Justamente quando Freud se dá conta deste atravessamento fantasmático do trauma sexual, ou seja, da realidade psíquica e seu entrecruzamento com as vivências relacionadas à sexualidade infantil, ele descarta os abusos sexuais como fonte traumática. É na famosa carta 69 a Fliess que Freud (1950/1996d) declara o fim de sua *neurotica*. Os motivos também já nos são muito conhecidos: a grande quantidade de casos de histeria remeteria a um número ainda maior de adultos perversos, o que seria altamente improvável; nem sempre, ou na maioria dos casos, Freud conseguia extrair do paciente a lembrança do abuso sofrido; e, finalmente, a constatação de que no inconsciente não há registro de realidade, no sentido factual. Entretanto, este suposto abandono da teoria da sedução é questionável. Neste sentido, Martínez, Mello Neto e Lima (2007) realizaram uma profunda pesquisa acerca dos debates ocorridos nos anos posteriores a Freud, salientando como a teoria da sedução ainda se mostrava pertinente como hipótese psicanalítica.

Na conferência *A revolução copernicana inacabada*, Laplanche (1992b) aponta que, nesse momento, Freud abriu mão de uma teoria que levava em consideração o papel exógeno na constituição psíquica para privilegiar a endogenia, ou seja, os conflitos e fantasias oriundos do mundo interno têm um peso maior que a realidade material. Além disso, a problemática em Freud pode ser identificada com o processo que Laplanche (1997) chama de desvio biologizante, ou seja, tal internalismo em Freud abarcou uma retomada de explicações etiológicas que colocavam maior ênfase nos fatores filogenéticos e biológicos. Segundo Martínez, Mello Neto e Lima (2007), Laplanche seria um dos autores a problematizar o suposto abandono da teoria da sedução, colocando-a como base fundamental de sua teoria, a Teoria da Sedução Generalizada, sobre a qual discutiremos mais adiante.

Abandonada ou não, a teoria da sedução ofereceria as bases fundamentais para a teoria e técnica psicanalítica nascente. A hipótese da sedução foi abandonada, mas outros elementos se manteriam. Assim, tal como seu procedimento inicial, a psicanálise freudiana abarcaria uma terapêutica da memória, cujas metáforas arqueológicas Freud sempre mencionava. Outro elemento mantido, apesar de cada vez menos citado, foi o *a posteriori*, o qual marcava a atemporalidade do inconsciente, expresso pela dinâmica narrativa com a qual os pacientes iniciavam seus trabalhos, relatando primeiro fatos mais recentes para, com o relaxamento das resistências, voltarem-se para memórias cada vez mais remotas (Freud, 1899/1996f).

Contudo, o caráter traumático implicado no psiquismo ainda é objeto do interesse de Freud em outros trabalhos, porém, o trauma se apresenta desvinculado da teoria da sedução. Na década de 1920, o trauma retorna ao cenário psicanalítico por conta da I Guerra Mundial, sendo objeto de reflexão de Freud e também

de Ferenczi (Mezan, 2014). Com Ferenczi, temos os trabalhos realizados com soldados da guerra, os quais ele tratou durante sua estadia em Papas (Ferenczi 1916/2011d; Ferenczi 1919/2011g). Em Freud (1920/1996a), temos o retorno do aspecto traumático em *Além do princípio do prazer*, quando o autor reflete sobre o caráter repetitivo do trauma nos sonhos de ex-soldados e nas brincadeiras infantis. A repetição serviria como forma de escoar a energia libidinal represada, mas colidia com a ideia de alívio e prazer, fomentando a necessidade de esclarecer o sentido da repetição de eventos desprazerosos. Ao comentar sobre a brincadeira infantil, no caso, o jogo do *Fort-da* observado em seu neto, Freud reconhece o papel dos traumas cotidianos vividos pela criança mediante a sensação de ausência do objeto amado: a mãe. A partir disso, o autor destacará um mecanismo psíquico denominado paraexcitações, o qual protegeria o psiquismo infantil dos excessos do meio externo, favorecendo o equilíbrio homeostático do aparelho mental. Porém, Freud relega tal mecanismo a um funcionamento biológico, efetuando, novamente, um movimento endógeno na compreensão dos processos psíquicos.

Em *Inibição, sintoma e ansiedade*, Freud (1926/1996e) volta ao problema do trauma ao indicar a vulnerabilidade física e psíquica da criança ao nascer. Os impactos gerados pelo contraste entre o ambiente intrauterino e o meio material despertam na criança vivências desprazerosas, as quais a mãe deve apaziguar com seus cuidados. Nesse texto, Freud não se refere ao paraexcitações, mas indica o papel da mãe como suporte neutralizador dos excessos do ambiente através do acolhimento. Assim, podemos supor que o mecanismo anteriormente descrito em termos neurobiológicos é substituído aqui pelo cuidado narcísico do outro. É essa ambivalência do autor entre o papel dos elementos intrapsíquicos e extero-psíquicos no engendramento psíquico que Laplanche (1992b) indica como componentes de um recalçamento teórico, como se Freud ainda buscasse elementos materiais para compreender o aparelho mental.

Até mesmo em um texto tardio, como *Construções em Análise*, encontramos um Freud (1937/1996c) ainda preocupado em achar o evento fatídico que teria desencadeado o sofrimento de seus pacientes. Na falta da lembrança do fato, nos diz o autor, é necessário reconstruí-lo junto ao paciente. Porém, o texto final de Freud (1939/1996g) sobre o trauma é *Moisés e o Monoteísmo*. Neste, o autor reflete sobre as origens da intolerância ao povo judeu e, para tanto, retoma o problema da origem de Moisés numa perspectiva histórica. O trabalho é constituído por três ensaios e mescla concepções antigas e novas da teoria freudiana e, nessa via, coloca-se a pensar sobre o trauma. Ao comentar o *Moisés* de Freud, Grubrich-Simitis (2001) sugere que o tema do trauma ressurgesse nesse momento por conta de duas ocasiões do presente: a batalha de Freud contra o câncer, doença com a qual ele convivia já há mais de vinte anos, e o terror nazista. Ao pensar sobre a factualidade das origens de Moisés, Freud lança importantes comentários sobre a factualidade das origens psíquicas, recorrendo a hipóteses que relacionavam a etiologia psicopatológica com os componentes traumáticos vislumbrados em sua teoria da sedução. Grubrich-Simitis (2001) considera que o encontro de Freud com o mundo interno gerou um mal-estar na comunidade científica que facilmente poderia recalcar tal constatação. Para ela, foi por esse motivo que Freud se viu na necessidade de enfatizar os constituintes internos do psiquismo, mas sem nunca deixar de considerar, também, o significado “da realidade externa na causalidade da doença psíquica” (p. 86).

Portanto, observamos que, na retomada de Ferenczi sobre o tema do trauma, a materialidade da experiência traumática e sua incessante repetição reaparecem com força, não obstante Ferenczi também insira contribuições relevantes sobre o complexo traumatogênico, como veremos a seguir.

O TRAUMA EM FERENCZI E O AQUÉM DA REPRESENTAÇÃO

Se a teoria da sedução de Freud marca o início de sua elaboração teórica, a teoria do trauma de Ferenczi aponta para sua maturidade teórico-clínica, por volta do fim dos anos 1920, quase vinte anos após seu *debut* na Psicanálise. Já na época famoso por trabalhar com pacientes severamente comprometidos, sua elaboração conceitual pode ser captada num desenvolvimento gradual, desde seus primeiros escritos. Assim é que desde seu primeiro texto psicanalítico, *Do alcance da ejaculação precoce* (Ferenczi, 1908/1991a), o autor reconhecia uma dissimetria relacional que marcava o vínculo entre homens e mulheres. Tal dissimetria rapidamente é também notada nas relações estabelecidas entre o adulto e a criança (Ferenczi, 1908/1991b)

e, finalmente, entre o analista e seu paciente (Ferenczi, 1938/2011f). Este aspecto, mantido por toda sua obra, ganhará mais força em sua teoria final como um elemento essencial na configuração traumática.

Embora possam ser detectados traços que caracterizariam a teoria do trauma desde o início de seu trabalho psicanalítico, é por volta de 1928 que Ferenczi vai se aprofundar em sua elaboração (Kahtuni & Sanches, 2009). Ademais, os primeiros dez anos de trabalho com a psicanálise foram marcados pelo movimento de afirmação dos achados freudianos, numa espécie de cruzada pela causa analítica, que, como aponta Mezan (2014), foi típico entre os pioneiros. Outro fator motivador de sua inquietação clínica pode ter sido a experiência de Ferenczi durante a I Guerra Mundial, na qual ele participou como médico, tendo engendrado a primeira análise sobre um cavalo (Talarn, 2003).

Mobilizado pelas inquietações despertadas em suas variadas experiências clínicas, o autor gradativamente plasma em suas publicações elementos que viriam a compor sua teoria. Em algum momento em seu percurso, Ferenczi deixou de ser um mero discípulo para se tornar um teórico independente, cujas reflexões e experimentos clínicos iriam compor aquilo que Mészáros (2012) chama de “os tijolos da construção da teoria do trauma” (p. 328).

Desta forma, Ferenczi desenvolveu uma linguagem própria para o trauma, delineando suas origens extrínsecas ao sujeito e suas vicissitudes peculiares. Para ele, a psicanálise tomava cada vez mais um rumo que a levava a subestimar a realidade geradora do trauma e a superestimar a fantasia (Bonomi, 2013).

A emergência de uma teoria do trauma se fez necessária pelo encontro constante de Ferenczi com pacientes gravemente traumatizados, movidos por defesas associadas à psicose ou a estados psíquicos distantes da neurose. São esses encontros que mobilizam no psicanalista a necessidade de rever a técnica a fim de otimizar o tratamento desses pacientes.

Sua retomada sobre o problema do trauma e suas consequências psicopatogênicas ganha força em seus textos a partir de 1928. Um exemplo dessa produção pode ser verificado no artigo *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*, no qual Ferenczi (1929/2011a) aponta para a relação entre doenças psicossomáticas graves associadas a relatos que traziam à tona a percepção infantil do desprezo materno. Esses sujeitos, assim abalados em fase tão prematura pelo desejo de morte oriundo da própria mãe, viriam a desenvolver doenças que plasmariam o desejo de morte uma vez internalizado.

Em *Análise de crianças com adultos* (Ferenczi, 1931/2011b), o autor retoma o tema do sofrimento infantil cristalizado no psiquismo do paciente adulto. Neste, o autor alia constatações teórico-clínicas com suas ousadas técnicas, descrevendo detalhadamente seu trabalho junto a pacientes traumatizados. Estes, sob a influência de fortes emoções engendradas pelas tentativas de rememoração do trauma, começavam a falar como crianças, numa espécie de transe, no qual Ferenczi, com toda cautela, buscava fazer perguntas quase num sussurro, perguntas “infantis”, diria ele, obedecendo à lógica da narrativa que ali se lhe apresentava. Neste trabalho, o autor aponta como a tentativa em geral fracassava, já que as falas se mostravam um tanto fragmentárias, desconexas e frágeis, sugerindo algo aquém da memória, possivelmente da ordem do não simbolizado.

Em seu *Diário Clínico*, Ferenczi (1995) chega a comentar que muitas de suas inovações técnicas teriam como origem a necessidade de adequar os pacientes traumatizados à técnica psicanalítica: a associação livre. Isto porque Ferenczi vai gradativamente constatando que eles não conseguiam associar livremente como o neurótico padrão. Em uma passagem do Diário, comenta que a técnica da análise mútua, por exemplo, nasceu diante da ideia de demonstrar a uma paciente como se procede numa associação livre.

Assim, as emergências clínicas foram as catalisadoras das inovações técnicas de Ferenczi, tão criticadas em sua época, e desembocaram em sua elaboração teórica. Dos vários textos que dedicou ao tema, um pode ser considerado uma síntese de seus achados: *Confusão de línguas entre os adultos e a criança* (Ferenczi, 1933/2011c). Neste, o autor inicia apontando a realidade dos abusos sexuais como um dado muito mais presente no cotidiano das famílias do que se gostaria de acreditar. Tal evento eclode em famílias de todas as classes socioeconômicas e de níveis intelectuais. O abusador, em geral, é alguém próximo da criança, por vezes, o próprio pai.

A partir disso, Ferenczi (1933/2011c) passa a relatar a dinâmica do abuso sexual infantil, tal como coletara em diversos relatos de pacientes. A criança se aproxima do adulto com sua sexualidade infantil, perversa polimorfa e lúdica, enquanto o adulto responde a esta com sua sexualidade genital, francamente erótica e com fins sexuais. Aqui se encontra a confusão de línguas, a criança com a linguagem da ternura e o adulto com a da paixão. Nesta dissimetria, o evento sexual ocorre e, a partir deste, a relação de afeto existente entre a criança e o adulto muda completamente. Isto porque o adulto, sentindo-se culpado pelo ato, passa a destratar e a se distanciar da criança, que, neste ponto, passa a inferir que algo de errado acontecera. É importante notar que, neste texto, Ferenczi aborda o problema de forma a sugerir que o encontro sexual entre os corpos, em si, pouco teria a ver com o trauma engendrado. O traumático aqui é dado como este mal-entendido, do qual a criança se torna a porta-voz. E aqui entra o movimento do desmentido: a criança, sem saber bem o que ocorrera para que o adulto amado se afastasse, pede explicações, conta o ocorrido para alguém de sua confiança e a resposta é a desautorização de sua fala. Para os adultos que a ouvem, aquilo é uma fantasia de criança, uma brincadeira.

É importante salientar que, a partir deste texto, muitos comentaristas da obra de Ferenczi compreendem o trauma apenas no aspecto da linguagem, já que o desmentido atua justamente sobre a fala da criança e sua denegação, o que irá acarretar as dificuldades de representação simbólica da situação vivida (Birman, 2014; Pinheiro, 1995). Entretanto, em seu *Diário Clínico*, Ferenczi (1995) aborda melhor o lado do corpo, comentando sobre os diversos sintomas somáticos que expressam o trauma do encontro sexual abusivo, tais como sensações de sufocamento, vertigens e dores abdominais. Sugerimos que tais aspectos foram subsumidos de seu pronunciamento em Wiesbaden, de forma a minorar a resistência com a qual Ferenczi já intuía que sua fala seria recebida. Intuição balizada pelo mestre Freud, com quem Ferenczi compartilhara o conteúdo da conferência antes de sua apresentação em público. Segundo Talarn (2003), o encontro acabou mal, tendo Freud, literalmente, batido com a porta na cara do amigo.

Ademais, se seguirmos a perspectiva holística com a qual Ferenczi trabalhava (Mautner, 1993), seria inviável acreditar que a traumatogênese aqui se referiria apenas ao dito. Há um corpo articulado a este dito, um corpo cujo sofrimento também se expressa pela impossibilidade de relatar, de contar o ocorrido. Ou seja, o desmentido, enquanto defesa do adulto em relação à criança, é incorporado por ela, desmentindo seu próprio corpo. Neste sentido, Gôndar (2013) aponta que o trauma em Ferenczi torna-se protagonista de sua obra, cujo caráter produtivo surge justamente pelo fato de que este não constitui uma representação, mas mantém-se no plano da figurabilidade das impressões perceptivas e corporais.

Este aspecto é crucial de ser notado, já que é neste ponto que as teorias da sedução, de Freud, e do trauma, de Ferenczi, tomam rumos diferentes, pois aos pacientes de Ferenczi o aspecto simbólico mostra-se falho, as lembranças apresentadas são desconexas e o fluxo associativo obscuro. Apesar de a teoria do trauma de Ferenczi abarcar características da primeira Teoria da Sedução freudiana, essencialmente o atentado sexual realizado por um adulto e o processo de *a posteriori*, esta aponta para um outro tipo de defesa engendrado pelo evento traumático, a cisão psíquica. Assim, do sofrimento articulado ao registro na teoria de Freud, notamos que a teoria ferencziana contempla o problema do trauma vivo e em aberto, pois é justamente o fato de o sujeito não conseguir registrar psiquicamente o evento uma de suas molas propulsoras. Desta forma, este tem seu *a posteriori* marcado por revivências físicas, como as dores psicossomáticas, ou em atuações. Em *Reflexões sobre o trauma*, um dos textos finais de Ferenczi (1934/2011k), o autor busca elucidar outros elementos do trauma que também apontam para um diferente funcionamento psíquico e suas consequências clínicas. Um deles é como o trauma em aberto se articula com a pulsão de morte. Assim, o processo de simbolização do evento traumático se vê estagnado, já que o ato de simbolizar geraria uma alta carga de angústia no sujeito, revivendo o grande desprazer não superado. Porém, a energia represada exige uma válvula de escape, cuja saída Ferenczi reconhece nos processos de autodestruição. Assim: “o mais fácil de destruir em nós é a consciência, a coesão das formações psíquicas numa entidade: é assim que nasce a *desorientação psíquica*” (p. 127, grifos do autor). Ao destruir a consciência, o sujeito amenizaria seu terrorismo do sofrimento (Ferenczi, 1933/2011c). Gôndar (2013) nota, ainda, que este processo se dá de forma a possibilitar ao paciente dar uma solução ao trauma em aberto, aplicando “a si mesmo o próprio

veneno que procura evitar” (p. 32), numa espécie de automedicação homeopática, na qual as pequenas doses frequentemente repetidas visariam minorar o impacto do choque vinculado ao evento traumático.

As atitudes destrutivas seriam mais uma consequência do processo de desmentido e da identificação com o agressor, já que este, a princípio, era objeto do afeto infantil. Ademais, o desmentido opera justamente sobre o afeto, sendo que a punição dirigida à criança mentirosa passa a ser introjetada por ela. Ferenczi (1934/2011k) menciona uma expressão húngara, *katonadolog*, cuja possível tradução seria “a sorte do soldado”, ou em inglês “*soldiers can take it*”, a qual indica o despreparo infantil em se defender de tamanha violência. A esta constatação se liga o conceito do ‘bebê sábio’, fruto do sonho de diversos pacientes que Ferenczi relata pela primeira vez numa breve comunicação. Neste, uma criança de colo apresenta-se como um grande sábio ao falar ou palestrar sobre temas complexos e francamente adultos. Mais tarde, Ferenczi iria associá-lo à cisão psíquica proveniente da defesa egóica contra o trauma: a imaturidade do corpo infantil em contraste com o conteúdo adulto exposto pela criança do sonho (Ferenczi, 1995).

A cisão psíquica gera também outros efeitos desestabilizadores da personalidade do sujeito, entre eles, Ferenczi descreve uma bipartição da personalidade. Assim, tal como no sonho do bebê sábio, uma parte da personalidade atuaria de forma aparentemente saudável, cuidando da parte danificada, fragmentada, como se fosse seu anjo da guarda (Ferenczi, 1923/2011e). Aqui, podemos notar que o processo de desmentido opera uma espécie de não reconhecimento dos aspectos egóicos fortemente articulados com a situação traumática. O lado saudável encarnaria justamente o adulto que não cuidou, não amparou, que não reconheceu a verdade exposta pela criança (Ferenczi, 1934/2011k).

Um caso emblemático da elaboração teórica de Ferenczi pode ser relacionado à paciente R.N., conhecida hoje como a norte-americana Elizabeth Severn, uma espécie de Anna O. ferencziana. Seu caso, exposto no *Diário* (Ferenczi, 1995), comporta vários elementos da teoria do trauma, sendo, entre outros, responsável pela proposta de análise mútua. Fato é que o caso Severn expressa bem o funcionamento da cisão psíquica. Paciente extremamente difícil e problemática, inicialmente gerava forte antipatia em Ferenczi. Os germes desta negatividade, percebidos por ela, foram a força motriz que motivou Ferenczi a aceitar a ousada análise mútua, de forma a eliminar estes afetos e gerar um efeito benéfico na paciente.

Severn, a quem Freud chamava de “o gênio do mal” de Ferenczi, era uma mulher excêntrica que já atuava como analista leiga nos Estados Unidos e na Inglaterra, com o que ganhava bom dinheiro e reputação. Seus trabalhos publicados atestam sua capacidade intelectual e terapêutica em contraponto com sua personalidade estilhaçada pelos vários traumas violentos oriundos de sua infância. Em sua análise com Ferenczi, ambos ficavam pasmados com os conteúdos obnubilados que saíam de sua boca, o que infligia alto grau de dúvida acerca da veracidade destes. Abusada sexualmente pelo pai desde um ano e meio de idade, entre suas lembranças constava um assassinato cometido junto do pai na adolescência. Porém, o caso de Severn indica justamente o funcionamento da cisão psíquica: por um lado, uma pessoa extremamente lúcida e capaz de ajudar o outro; de outro, alguém em ruínas, incapaz de suportar seu terrorismo do sofrimento (Smith, 1998).

Tal defesa também marcaria uma modalidade diferente de realização de desejos no sonho, a tentativa de solucionar o sofrimento. A este aspecto, Ferenczi denominou de função traumatolítica do sonho, já que este tem como objetivo repetir o trauma vivido a fim de tentar elaborá-lo e gerar a representação simbólica que marca seu eterno retorno caótico. Ferenczi (1934/2011k) poeticamente chama este retorno de “restos da vida”, como se fossem, justamente, os restos desconectados do ego que o atacam na surdina.

Para concluir esta parte, retomamos as considerações de Mészáros (2012) acerca da clínica do trauma de Ferenczi. Nesta, pode-se observar o papel de testemunha desempenhado pelo analista, cujo tato e proximidade distal com o paciente se fazem necessários justamente para angariar a confiança que foi falha nos adultos de sua história clínica. Daí surgiram as experiências clínicas de Ferenczi, assim como suas críticas aos próprios colegas, a quem o autor via fracassarem mediante seu narcisismo do saber absoluto, da desconsideração pela verdade exposta pelo sujeito e com as quais ele foi retaliado com o ostracismo póstumo, ou como mencionamos aqui, com o recalçamento de sua figura e ideias.

LAPLANCHE: AS ORIGENS DA PSICANÁLISE, AS ORIGENS DO PSIQUISMO

Eminente pesquisador do campo psicanalítico, Jean Laplanche, em muitos momentos, reconhece sua abordagem francamente filosófica da Psicanálise. Em sua trajetória, pode beber nas mais ricas fontes intelectuais do século XX: ex-aluno de Merleau-Ponty; ex-discípulo e ex-paciente de Lacan, de quem se afasta na década de 1960; participante efetivo da epopeia tradutiva da obra de Freud para o francês, em colaboração com Pontalis e sob direção de Daniel Lagache; tais experiências o possibilitaram agregar um amplo e raro conhecimento da teoria psicanalítica (Scarfone, 1997).

Sua proposta metodológica em si apresenta grande originalidade, trabalhar os textos psicanalíticos com os mesmos instrumentos com que o analista trabalha em uma análise: a atenção equiflutuante aos detalhes dissonantes, um olhar crítico e contextualizador diante das ambivalências e contradições do autor estudado, a abertura aos retornos e avanços do texto, de forma a captar a espiral dialética com a qual se elabora uma teoria, especialmente a psicanalítica (Laplanche, 1992c).

Assim, Laplanche configura-se um grande comentarista da obra freudiana e de outros pioneiros, em busca dos elementos fundamentais da psicanálise. Em sua jornada, conclui que os fundamentos da teoria coincidem com os fundamentos das origens psíquicas, adotando uma perspectiva histórica da formação tópica. Talvez até materialista, já que Laplanche se aproxima muito de Ferenczi ao reconhecer o papel do outro, de carne e osso diria ele, na formação do inconsciente.

Devedor da proposta metodológica de Merleau-Ponty, que advogava a necessidade em retomar as origens epistemológicas de dada teoria, a fim de encontrar a redução fenomenológica, Laplanche reconhece tal redução que caracterizaria o humano num aquém do Édipo, na chamada *situação antropológica fundamental*. Esta nada mais é do que a forma com a qual todo ser humano chega à vida, em situação de desamparo e passividade numa relação assimétrica, dependente do cuidado do outro. O termo cuidado aqui materializa outra redução, já que o termo em si comporta toda espécie de tratamento oferecido pelo adulto à criança sob sua responsabilidade. A forma como uma mãe nina seu bebê, o toque durante os cuidados de higiene e alimentação, a maneira como sorri, ou não. Enfim, toda espécie de semiótica da qual a criança possa captar (Laplanche, 2015a).

A assimetria, assim, se dá não só pela dependência física da criança, mas também por seu desamparo psíquico, já que ela não tem aquilo que o adulto tem: uma tópica psíquica que separa os conteúdos inconscientes da consciência. É aqui que o autor recupera o conceito de dissimetria relacional de Ferenczi, para apontar o desnível entre a linguagem da paixão do adulto e a linguagem da ternura da criança. Ou, como diria Laplanche, a linguagem do inconsciente do adulto e a ausência de linguagem da criança. É nesta dinâmica comunicativa que Laplanche (1992c) reconhece o germe do acontecimento fundador: a implantação das mensagens enigmáticas do adulto em direção à criança. E aqui, o autor oferece uma original relação entre os elementos fundadores do psiquismo com os elementos fundadores da teoria: a sedução.

O termo sedução comporta o aspecto polissêmico, o qual Laplanche (1992c) aponta como característico da mensagem enigmática. Seduzir comporta outros significados que complementam a polissemia da palavra, dentre eles o fascínio, cujo efeito hipnótico e paralisante pode ser relacionado também com as origens da psicanálise e a terapêutica com a qual foi inaugurada. Seduzir, encantar, fascinar também são atos observáveis na relação entre os pais e a criança, no movimento primevo de reconhecimento de si e transmissão de afetos, dentre os quais a função narcisizante se mostra primordial.

Assim, em *Novos fundamentos para a psicanálise*, Laplanche (1992c) recupera os componentes da teoria da sedução freudiana e agrega esta visão generalizada, já que aqui não se trata da sedução restrita, aquela do abuso sexual de fato, que Freud recalcará, mas sim uma sedução ampla e generalizável, posto que abarca toda a relação descrita na situação antropológica fundamental. A passividade inerente da criança age de forma com que ela receba estas mensagens polissêmicas do adulto num processo denominado por Laplanche (1999a) de implantação. Tais mensagens, que devemos compreender como da ordem da semiótica e não da linguística (saussuriana, diremos) abarca do sorriso ao olhar, da cantiga de ninar ao muxoxo; estas infligem um grau de excitação na criança que, justamente por não ser ainda capaz de tratá-las de alguma forma, gera um impacto efractante (Laplanche, 2015b). Aqui, estaria o trauma como da ordem do fundamental, já que abarca todo ser humano.

Porém, estes registros, ainda aquém da memória, só serão metabolizados a partir do momento que o infante vai se tornando um pequeno falante, e passa a traduzir os registros de forma mais ou menos coerente. É aqui que notamos a dupla apropriação de Laplanche em relação as teorias, a freudiana e a ferencziana. Mas antes, é necessário apontar que o autor também abrange em sua recuperação teórica as noções de ligação e desligamento com as quais Freud tentara elaborar, num primeiro momento, o movimento das pulsões, mais tarde batizadas de Eros e Tânatos. Esta acepção se encontra no *Projeto para uma Psicologia Científica* (Freud, 1950/1996h), quando o autor nota que algumas representações podem se ligar a palavras e registros que as conteriam, sendo que outras, manteriam sua energia desligada e em livre curso. Laplanche (1999a) retoma esta conceituação para identificar na pulsão de vida o ato de ligar-se não só a palavras, mas também em objetos totais com os quais a pulsão procuraria sua descarga. Já a energia desligada exemplifica o funcionamento da pulsão de morte, cujas possíveis representações ela desliga, mantendo a energia em fluxo caótico e emergencial. Notemos que para o autor, esta noção de energia ligada ou desligada já aponta para a ideia do trabalho de elaboração, sendo que as primeiras são aquelas que realmente estão disponíveis de serem trabalhadas, ou metabolizadas, e as últimas teriam obstáculos maiores, os quais impedem um registro melhor elaborado das percepções e vivências corporais.

O momento mítico, crucial e atemporal em que a tópica se forma, ou melhor dizer, o inconsciente nasce, seria quando a criança, já equipada com algum tipo de linguagem, poderia ligar suas vivências, percepções e registros acústicos numa espécie de tradução destes conteúdos. Não obstante, Laplanche (1999b) aponta para o caráter falho, parcial e incompleto deste processo, já que é impossível que uma tradução possa contemplar toda a polissemia das mensagens externas, as quais geram um resto, uma sobra intraduzível que irá se depositar justamente neste lugar que convencionamos chamar inconsciente.

Assim, Laplanche (1999b) nota que o papel parental contempla esta dialética, posto que ao mesmo tempo em que as mensagens enigmáticas do outro desestabilizam a criança com seu excesso pulsional, a função narcisizante opera como amparo desta angústia e como suporte, que Martens (2007) denomina de assistentes de tradução. O gesto, olhar ou palavra desestabilizadora é também a salvaguarda da criança, seu porto de humanização e possibilidade de crescimento autônomo.

Em *Implantação e intromissão*, Laplanche (1992a) observa que esta ligação primordial entre o adulto e a criança pode ser marcada por variações, ou seja, se numa relação saudável podemos vislumbrar uma grande quantidade de assistentes de tradução ao encontro das mensagens desestabilizadoras, outras situações podem denotar um processo oposto a este: o excesso desenfreado de mensagens enigmáticas e a falta de seu esperado complemento, as falhas na função narcisizante e o acolhimento necessário. A isto o autor chama de intromissão. Aqui, identificamos um quadro onde a violência se faz presente de forma maciça e os cuidados necessários para apaziguá-la são escassos ou mesmo ausentes. Para exemplificar este processo, iremos emprestar um extrato clínico de Violante (1994).

No livro *A criança mal-amada* (Violante, 1994), a autora desenvolve sua tese acerca da falha na função narcisizante materna, ou desqualificação narcísica, e a relação com a emergência de estados melancólicos na criança, literalmente abandonada. Em contraponto aos casos expostos, a autora traz um recorte de um caso clínico no qual uma menina de 5 anos, violentamente estuprada pelo pai, mostrava sinais positivos de recuperação clínica mediante a qualificação narcísica oferecida pela mãe. Ademais, é interessante notar que neste caso o processo que Ferenczi descreveu como desmentido estava ausente, posto que a mãe se separara do pai no ato da descoberta da violência, colocando-se do lado da criança e mantendo com esta o vínculo e a confiança.

Por meio desta vinheta clínica, podemos destacar as camadas de implantação e intromissão e o papel da assistência de tradução prestada pelo adulto, tradução que comporta o necessário narcisismo de vida em prol da criança. Assim, os conceitos fornecidos por Laplanche denotam a instrumentalização da compreensão analítica de cada caso, com suas nuances e peculiaridades.

Retomando as teorias de Freud e Ferenczi trabalhadas no início deste artigo, podemos observar que o processo de implantação descrito por Laplanche converge com o modo neurótico de sofrimento, enquanto a intromissão pode ser relacionada com os casos de trauma encarnados na clínica de ferencziana. De forma

breve, podemos dizer que na primeira temos o trauma como fundamento estruturante, o qual desperta o funcionamento do psiquismo. No segundo, vemos o trauma em sua função francamente desestruturante, que emperra o desenvolvimento psíquico, bipartido, na eterna repetição em tentar resolvê-lo.

Ademais, é importante notar que entre fato e ficção, Ferenczi fora sábio ao apontar a necessidade da sensibilidade clínica do analista estar em ação, já que, para diferenciar um relato pautado na fantasia de um dado material, é fundamental observar a totalidade do caso. Assim, nestes casos de violência concretamente vivida, pode-se verificar os aspectos desestruturantes do trauma atuando no sujeito através da fragmentação egóica, do discurso marcado pela presença das impressões perceptivas, por vezes desconexas, ao invés de representações mnêmicas, e dos fenômenos de repetição do trauma em sonhos e na cisão psíquica.

Para finalizar, consideramos que a teoria de Laplanche comporta um duplo aspecto fundamental em psicanálise: aponta o papel primordial e ético do cuidado do outro adulto em relação a criança; por outro recupera a constatação ferencziana da necessidade da abertura do analista aos conteúdos expressos pelo paciente, de forma a relativizar aquilo que é escutado como sendo fruto da fantasia ou de uma vivência factual. Pensamos que esta concepção, tantas vezes criticada no campo psicanalítico, tal como a história de Ferenczi nos atesta, mostra-se imprescindível para uma atuação ética e reconhecadora das vicissitudes, tantas vezes, infelizes e desastrosas da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos desdobramentos teóricos elaborados por Jean Laplanche em sua Teoria da Sedução Generalizada, pudemos observar como as teorias da sedução de Freud e do trauma de Ferenczi foram absorvidas por Laplanche, que soube indicar os diferentes matizes da constituição psíquica e sua relação com as formações psicopatológicas. Portanto, notamos que a confusão de línguas ocorrida entre Freud e Ferenczi, que aqui apontamos sob o viés epistemológico, incidiu, justamente, sobre essa não compreensão dos autores do caráter diferencial das condições de sofrimento expostas por seus pacientes. Dessa maneira, consideramos que a teoria freudiana, que surgiu sob a égide da sedução factual, foi se transformando a partir do encontro de Freud com outros aspectos da vida intrapsíquica, que o levou a elaborar importantes elementos teóricos da psicanálise. Entretanto, devemos salientar que a produção freudiana, por sua amplitude e alcance clínico, não deve ser entendida sob um único prisma.

Ao considerar as críticas efetuadas por Ferenczi sobre a técnica psicanalítica, devemos considerar que o autor pensava os impasses clínicos de acordo com as problemáticas encontradas na sua prática, que, pelo levantamento bibliográfico, caracterizava-se pelo cuidado de pacientes não neuróticos. Nesse sentido, sua teoria do trauma e suas consequências clínicas se aproximam das condições psíquicas engendradas a partir desse processo que Laplanche (1992a) denominou intromissão.

Já a teoria da sedução de Freud nasceu das observações clínicas de pacientes, em geral, neuróticos, em que o papel da fantasia e dos registros de memória recalcados compunham o quadro sob o qual a prática clínica deveria incidir. Assim, observamos que a teoria freudiana, com suas reelaborações, comporta um saber inegável sobre a neurose, cujo processo de implantação destacado por Laplanche (1992a, 1992c) fomenta um engendramento psíquico particular.

Contudo, como dito na introdução desse artigo, outros elementos atravessaram a confusão de línguas estabelecida entre Freud e Ferenczi durante os anos 1930, como os aspectos transferenciais e contratransferenciais e as implicações político-institucionais oriundas das elaborações teóricas. Indicamos como material pertinente de leitura o livro de Sabourin (1988), *Ferenczi, paladino e grão-vizir secreto*, como também o livro *O círculo secreto* de Grosskurth (1992) e o artigo *A análise de Ferenczi com Freud revelada por sua correspondência* de Dupont (1994). A tese da qual esse artigo foi extraído também contém uma síntese dos elementos entrecruzados desse conflito entre Freud e Ferenczi (Baracat, Abrão & Martínez, 2017).

Para concluir, consideramos que, à parte a característica de serem ambas as teorias, de Freud e de Ferenczi, pautadas na violência do adulto em relação à criança, no geral, podemos esquematizar suas diferenças fundamentais neste breve quadro:

Quadro 1 – Diferenças fundamentais entre a teoria da sedução de Freud e a teoria do trauma de Ferenczi

	TEORIA DA SEDUÇÃO - FREUD	TEORIA DO TRAUMA - FERENCZI
Etiologia	Vivência sexual prematura	Abuso sexual ou outro tipo de violência, rejeição
Características do paciente	Histeria, neurose obsessiva	Personalidades fronteiriças ou borderline, psicoses graves.
Funcionamento defensivo	Recalcamento	Cisão psíquica
Terapêutica	Alívio das resistências afim de favorecer o trabalho de rememoração, revisão da história infantil; Abstinência do analista	Reativação do trauma a fim de possibilitar seu registro psíquico; Analista ativo, adaptado ao paciente, favorecedor do vínculo de confiança
Consequências metapsicológicas	Economia psíquica movida pelo conflito entre o ego e a psicosexualidade infantil recalcada	Economia psíquica movida pelo desligamento da pulsão de morte

É claro que a teoria freudiana avançou muito após a derrocada da teoria da sedução. Para alguns autores (Grubrich-Simitis, 2001; Laplanche, 1992c; Martínez, Mello Neto & Lima, 2007), essa ainda ressurgiu periodicamente aqui e ali, como em *Inibição, sintoma e ansiedade* (Freud, 1926/ 1996) e em *Moisés e o monoteísmo* (Freud, 1939/1996g), especialmente no que diz respeito ao trauma como fruto do impacto dos elementos externos sobre o sujeito. Além disto, as constantes apropriações e leituras de sua obra levaram a psicanálise a desenvolvimentos tão frutíferos quanto contraditórios, se observarmos as releituras feitas pelas várias escolas de psicanálise (Mezan, 2014), o que comprova a amplitude e riqueza do legado freudiano.

Já com Ferenczi a história foi outra. Apropriado muitas vezes em silêncio (Gôndar, 2013), pode-se rastrear germes de suas ideias em vários autores, de Winnicott a Lacan (Birman, 2014; Moreno & Coelho Júnior, 2012). Porém, a releitura de Laplanche acarreta uma verdadeira homenagem ao legado ferencziano, ao recuperar sua noção de trauma como fundamento do psiquismo humano. Ademais, tal como este artigo propôs ao início, a intenção era apontar a confusão de línguas psicanalíticas, já que tais teorias, não obstante partirem de um ponto em comum, apresentam o trabalho clínico com pacientes organizados de modos diferentes, sendo aqueles organizados pelo processo de implantação marcados pelo caráter edípiano e com um funcionamento neurótico. Já aqueles que Ferenczi tão bem descreveu em sua obra final, indicam os efeitos desestruturantes do processo de intromissão e apontam para as organizações psíquicas pré-edípianas plasmadas em sofrimentos diferentes da neurose, os quais ocupam parte da produção psicanalítica contemporânea.

REFERÊNCIAS

- Appignanesi, L., & Forrester, J. (2011). *As mulheres de Freud* (N. V. Castro & S. D. Silva, Trans.). Rio de Janeiro: Record. (Original publicado em 1995).
- Balint, M. (2014). O desacordo entre Freud e Ferenczi e sua repercussão. Em M. Balint (Org.), *A falha básica: aspectos terapêuticos da regressão* (pp. 152-157). (F. F. Settineri, Trad.). São Paulo: Zagadoni. (Original publicado em 1968).
- Birman, J. (2014). *Arquivo e memória da experiência psicanalítica: Ferenczi antes de Freud, depois de Lacan*. Rio de Janeiro: Contracapa.
- Bonomi, C. (2013). So it really does exist: the sea serpent we've never believed in Ferenczi's influence on

- Freud. *The American Journal of Psychoanalysis*, 73(4), 370-381.
- Dupont, J. (1994). A análise de Ferenczi com Freud revelada por sua correspondência. Em E. M. Barros (Org.), *Livro anual de Psicanálise* (pp. 21-40). São Paulo: Escuta.
- Falzeder, E., Brabant, E., & Giampieri, P. (1994). *Sigmund Freud & Sándor Ferenczi: correspondência 1908-1911*. (C. Cavalcante & S. K. Lages, Trans.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1993).
- Ferenczi, S. (1991a). Do alcance da ejaculação precoce. Em S. Ferenczi, *Psicanálise I* (pp. 1-4). (Á. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1908).
- Ferenczi, S. (1991b). *Psicanálise e pedagogia*. Em S. Ferenczi, *Psicanálise I* (pp. 35-40). (Á. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1908).
- Baracat, J., Abrão, J. L. F., & Martínez, V. C. V. (2017). Confusões de línguas entre Freud e Ferenczi: trauma, sedução e as contribuições de Jean Laplanche. *Memorandum*, 33, 68-89. de seer.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/9894
- Ferenczi, S. (1991c). *Psicanálise I*. (Á. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (1995). *The clinical diary of Sándor Ferenczi* (M. Balint & N. Z. Jackson, Trans.). Cambridge: Harvard University Press. (Original publicado postumamente em 1988).
- Ferenczi, S. (2011a). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. Em S. Ferenczi, *Psicanálise IV* (2a ed., pp. 55-60). (Á. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1929).
- Ferenczi, S. (2011b). Análises de crianças com adultos. Em S. Ferenczi, *Psicanálise IV* (2a ed., pp. 79-96). (Á. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1931).
- Ferenczi, S. (2011c). Confusão de línguas entre os adultos e a criança. Em S. Ferenczi, *Psicanálise IV* (pp. 111-121). (Á. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1933).
- Ferenczi, S. (2011d). Dois tipos de neurose de guerra (histeria). Em S. Ferenczi, *Psicanálise II* (2a ed., pp. 293-310). (Á. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1916).
- Ferenczi, S. (2011e). O sonho do bebê sábio. Em S. Ferenczi, *Psicanálise III* (2a ed., pp. 223-224). (Á. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1923).
- Ferenczi, S. (2011f). Perspectivas da psicanálise. Em S. Ferenczi, *Psicanálise III* (2a ed., pp. 243-260). (Á. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1938).
- Ferenczi, S. (2011g). *Psicanálise das neuroses de guerra*. Em S. Ferenczi, *Psicanálise III* (2a ed., pp. 33-42). (Á. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1919).
- Ferenczi, S. (2011h). *Psicanálise II*. (Á. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (2011i). *Psicanálise III*. (Á. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (2011j). *Psicanálise IV*. (Á. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (2011k). Reflexões sobre o trauma. Em S. Ferenczi, *Psicanálise IV* (2a ed., pp. 125-136). (Á. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1934).
- Freud, S. (1996a). Além do princípio do prazer. Em S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud - Edição Standard Brasileira* (Vol. XVIII). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1920).
- Freud, S. (1996b). As neuropsicoses de defesa. Em S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (Vol. I, pp. 51-66). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1894).
- Freud, S. (1996c). Construções em análise. Em S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (Vol. XXIII, pp. 271-287). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1937).
- Freud, S. (1996d). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Em S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (Vol. I, pp. 219-333). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado postumamente em 1950).
- Freud, S. (1996e). Inibição, sintoma e ansiedade. Em S. Freud, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira* (Vol. XX, pp. 79-172). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1926).

- Freud, S. (1996f). Lembranças encobridoras. Em S. Freud, Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira (Vol. III, pp. 287-305). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1899).
- Freud, S. (1996g). Moisés e o monoteísmo. Em S. Freud, Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira (Vol. XXIII, pp. 13-150). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1939).
- Freud, S. (1996h). Projeto para uma psicologia científica. Em S. Freud, Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira (Vol. I, pp. 346-449). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado postumamente em 1950).
- Freud, S. (1996i). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência. Em S. Freud, Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira (Vol. I, pp. 35-50). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1893).
- Freud, S., & Breuer, J. (1996a). Comunicação preliminar. Em S. Freud, Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira (Vol. I, pp. 39-55).
- Freud, S., & Breuer, J. (1996b). Estudos sobre a histeria. Em S. Freud, Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira (Vol. II). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1895).
- Gay, P. (2007). Freud: uma vida para o nosso tempo (D. Bottmann, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1988).
- Gôndar, J. (2013). Ferenczi e o sonho. *Cadernos de Psicanálise*, 35(29), 27-39.
- Grosskurth, P. (1992). O comitê secreto: o círculo íntimo de Freud e a política da psicanálise (P. Rosas, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1991).
- Grubrich-Simitis, I. (2001). Estudo freudiano de Moisés como devaneio: um ensaio biográfico. Em I. Grubrich-Simitis, Freud: primeiros textos e textos da maturidade (pp. 73-115). (T. M. Zalberg, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1993).
- Jones, E. (1979). Vida e obra de Sigmund Freud (M. A. Mattos, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1953).
- Kahtuni, H. C., & Sanches, G. P. (2009). Dicionário sobre o pensamento de Sándor Ferenczi: uma contribuição à clínica psicanalítica contemporânea. São Paulo: Elsevier/FAPESP.
- Laplanche, J. (1992a). Implantation, intromission. Em J. Laplanche, *La révolution copernicienne inachevée: Travaux 1967-1992* (pp. 355-358). Paris: Aubier.
- Laplanche, J. (1992b). *La révolution copernicienne inachevée*. Em J. Laplanche, *La révolution copernicienne inachevée: Travaux 1967-1992* (pp. III-XXXV). Paris: Aubier.
- Laplanche, J. (1992c). Novos fundamentos para a psicanálise (Á. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1987).
- Laplanche, J. (1997). Freud e a sexualidade: o desvio biologizante (L. Magalhães, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 1993).
- Laplanche, J. (1999a). Court traité de l'inconscient. Em J. Laplanche, *Entre séduction et inspiration: l'homme* (pp. 67-114). Paris: Quadrige.
- Laplanche, J. (1999b). Las forces en jeu dans le conflit psychique. Em J. Laplanche, *Entre séduction et inspiration: l'homme* (pp. 127-146). Paris: Quadrige.
- Laplanche, J. (2015a). A partir da situação antropológica fundamental. Em J. Laplanche, *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006* (pp. 103-115). (V. Dresch, Trad.). Porto Alegre/São Paulo: Dublinense. (Original publicado em 2007).
- Laplanche, J. (2015b). Os fracassos da tradução. Em J. Laplanche, *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006* (pp. 116-131). (V. Dresch, Trad.). Porto Alegre/São Paulo: Dublinense. (Original publicado em 2007).
- Martens, F. (2007). Para uma validação socio-clínica da teoria da sedução generalizada. *Revista Alter*, 3, 1-9.
- Martínez, V. C., Mello Neto, G., & Lima, M. (2007). Histeria, trauma e sedução: "o que lhe fizeram pobre criança" (um Freud covarde?). *Estilos da Clínica*, 12(22), 122-141.

- Mautner, A. V. (1993). Da fenomenologia à técnica de Ferenczi. *Percurso*, 10, 9-12.
- Mészáros, J. (2012). Building block toward contemporary trauma theory: Ferenczi's paradigm shift. *The American Journal of Psychoanalysis*, 69, 328-340.
- Mezan, R. (2014). O tronco e os ramos. São Paulo: Companhia das Letras.
- Moreno, M. M., & Coelho Junior, N. E. (2012). Trauma, uma falha no cuidar? Diálogo entre Ferenczi e Winnicott. *Psicologia USP*, 23(4), 707-719.
- Pinheiro, T. (1995). Ferenczi: do grito à palavra. Rio de Janeiro: Zahar.
- Sabourin, P. (1988). Ferenczi, paladino e grão-vizir secreto (L. C. Costa, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1985).
- Scarfone, D. (1997). Jean Laplanche. Paris: Presses Universitaires de France.
- Smith, N. (1998). "Orpha reviving": toward an honorable recognition of Elizabeth Severn. *International Forum of Psychoanalysis*, 7(4), 241-246.
- Talarn, A. (2003). Sándor Ferenczi: el mejor discípulo de Freud. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Violante, M. L. (1994). A criança mal-amada: um estudo sobre a potencialidade melancólica. Petrópolis, RJ: Vozes.

(*) Juliana Baracat é psicóloga e doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, Campus Assis.

E-mail: jbbaracat@hotmail.com

(**) Jorge Luís Ferreira Abrão é psicólogo e doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo e livre-docente pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho. Atualmente é professor adjunto do Departamento de Psicologia Clínica da Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho.

E-mail: jlfabrao@gmail.com

(***) Viviana Carola Velasco Martínez é psicóloga e doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente é professora associada da Universidade Estadual de Maringá, onde trabalha nos programas de graduação e pós-graduação em Psicologia, na linha de pesquisa Psicanálise e Civilização.

E-mail: vcvmartinez@hotmail.com

Postado em: "Memorandum: Memória e História em Psicologia", N° 33, pp. 68-89, 2017.

Versão eletrônica:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6654/4228>

Volver a Artículos sobre Ferenczi

Volver a Newsletter 27-ALSF

Notas al final

1.- A través do tratamento de Emma que Freud se confronta com a possível realidade da sedução e também com um importante fenómeno psíquico que denominaria de *Nachträglichkeit*, comumente traduzido como a posteriori. Isto se dá por meio do relato fragmentário de Emma. Segundo ela, teria ido numa confeitaria na adolescência e ao ver certa malícia nas atitudes de um vendedor, saíra correndo de lá. A cena finalmente faz sentido, quando ela conta uma outra cena, anterior, em que, no início da puberdade, fora a uma loja de doces e o vendedor passara a mão em sua região genital, por cima do vestido. Assim, o efeito traumático da primeira cena, contada num segundo momento, só gerou efeito após a segunda experiência, apontando o funcionamento retroativo do trauma.